

## BARREIRAS DE ACESSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM OLHAR PARA A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Luana de Oliveira<sup>1</sup>  
Prof.<sup>a</sup> Ma. Dandara Queiroga de Oliveira  
Sousa<sup>2</sup>

### RESUMO

Numa perspectiva de compreensão e acolhimento das diferenças e da inclusão da pessoa com deficiência (PCD) nas aulas de Educação Física (EF) é que se constrói este recorte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ora apresentada. O presente escrito tem por objetivo compreender quais as barreiras de acessibilidade são enfrentadas à inclusão da PCD nas aulas de EF a partir de uma revisão bibliográfica (DIESEL, 2007). De cunho exploratório (GIL, 2007) a busca pela literatura especializada se deu no Portal de Periódicos da CAPES, até o mês de julho de 2022. Os descritores de busca foram: “inclusão, deficiência e Educação Física”, usando o operador booleano “and”, e como critérios de seleção: escritos publicados em português nos últimos dez anos. A análise de dados se deu de forma qualitativa, a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Tivemos como principais resultados de barreiras de acessibilidade as seguintes categorias: barreiras arquitetônicas, superproteção de responsáveis e docentes, aceitação na convivência, falta de capacitação docente e apoio administrativo. Percebe-se com os resultados que as barreiras de acessibilidade se ampliam para além do cunho de infraestrutura, comunicação, transporte, dentre outros, como estabelecido na Lei Brasileira de inclusão – LBI (BRASIL, 2015), perpassando nuances ponderáveis como proposto no referencial de análise, mas trazendo a tona, que as relações e afetividades estabelecidas no campo da educação escolar formal também são encaradas como barreiras de acessibilidade de estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física. Como limitação desse estudo, registramos a impossibilidade de buscas na rede café. Recomendamos por fim, que novos estudos ampliando a análise das barreiras de acessibilidade em dialogo outras variáveis, como tipo de deficiência, estratégias inclusivas adotadas pelos docentes, por exemplo, possam ser mais bem exploradas.

**Palavras-chave:** Inclusão, Educação Física escolar, Pessoa com deficiência, Barreiras de Acessibilidade.

### INTRODUÇÃO

A inclusão nasce quando há a capacidade de se ver no outro, na aceitação, na valorização das diferenças, como também na compreensão da mesma, no acolhimento de todos, sem

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura do curso Educação Física da Universidade Estadual do Rio grande do Norte - UERN, [luanadeoliveira@alu.uern.br](mailto:luanadeoliveira@alu.uern.br);

<sup>2</sup> Docente Do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, [dandaraqueiroga@uern.br](mailto:dandaraqueiroga@uern.br);



exceções. Nesse sentido, Sasaki (1999) aponta que a inclusão tem por finalidade juntar todos em uma sociedade apta a aceitar e se adequar as diferenças de cada um.

A educação é essencial para a aprendizagem e vida em sociedade. O ambiente escolar sucede a interação com o outro, é onde ocorre as trocas de experiências, e com isso, torna-se possível a inclusão de todas as pessoas, levando em consideração suas competências assim como também suas deficiências, seja ela, sensorial, física ou cognitiva (CARVALHO, 1998; OLIVEIRA; POKER, 2002).

Dito isso, nesse processo de inclusão a educação física como um componente curricular se torna essencial. De acordo com Darido (2008), a educação física como prática escolar possui um papel fundamental na formação do sujeito e contribui diretamente para a construção de aspectos individuais e coletivos, como o desenvolvimento motor, aptidões físicas e o bem estar social. Nesse sentido, o papel do professor se torna indispensável, pois sendo ele o principal intercessor dentre as relações dos alunos, é possível através de suas estratégias metodológicas a promoção de vivências que explorem dos alunos uma visão crítica e social sobre as diferenças entre si (MARTINS, 2005).

Por fim, e com intuito de enriquecer ainda mais esse trabalho, as histórias em quadrinhos adentraram por ser um universo particular que tenho muito apreço. Após agrupar um número possível de informações sobre o tema em questão através de buscas e leituras aprofundadas, nesse trabalho iremos fazer uso das histórias em quadrinhos, com a finalidade de apresentar situações que demonstrem barreiras enfrentadas por personagens com deficiência, aproximando o leitor a essa realidade, trazendo reflexões, indagações e compreensões acerca do assunto, desvencilhando o preconceito e proporcionando formas de efetiva inclusão.

Nessa concepção, surge as motivações que nos levaram a escrever sobre essa temática, parte da necessidade em ver uma sociedade apta a respeitar as diferenças, sendo capaz de se adequar, respeitando a individualidade de cada ser. Partindo disso, O presente escrito tem por objetivo compreender quais as barreiras de acessibilidade são enfrentadas à inclusão da Pessoa com deficiência nas aulas de Educação Física. Vale ressaltar que o mesmo surgiu após um recorte de uma pesquisa de Trabalho de conclusão de curso (TCC).

## **METODOLOGIA**



Afim de atingir os objetivos desta pesquisa, este trabalho caracteriza-se como sendo qualitativo, que de acordo com Pope e Mays (2005), a pesquisa qualitativa está vinculada as vivências e interpretações de fenômenos sociais. Sendo assim:

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (POPE; MAYS, 2005, p.13, grifos do autor).

Ademais, esse trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, que de acordo com Gil (2007), se desenvolve a partir de um material já elaborado, como artigos, livros e teses, no qual permite o pesquisador se familiarizar com o problema, além de um maior aprimoramento de suas ideias. Seguindo esse panorama, para a análise dos dados, nos baseamos em Diesel (2007) no qual apresenta duas fases que compõe a pesquisa bibliográfica, a primeira classificada como fase preliminar, delimitada por cinco etapas, que vai desde a definição do tema, até a problemática. Já na fase definitiva, também composta por cinco passos, partimos desde a seleção das obras que foram relevantes, até chegarmos na redação do trabalho final.

Com isso, após o levantamento dos dados desejados na pesquisa, e com intuito de enriquecer ainda mais esse trabalho, trouxemos as histórias em quadrinhos, que além de serem utilizadas como estratégia metodológica, trará uma melhor compreensão do que vem sendo discutido. Sendo assim, dentro dos resultados e discussões os tópicos levantados e que mais se repetem durante o objetivo específico de investigação das barreiras de acessibilidade, buscaremos representa-los através das histórias em quadrinhos, levando para o leitor uma melhor compreensão do tema em questão. De acordo com Rosa (2010), as historinhas em quadrinhos têm como meta a transmissão de mensagens por meio de linguagens verbais e não verbais, exigindo do leitor uma decodificação do que está sendo abordado. Nesse sentido, com as histórias em quadrinhos buscaremos aproximar o leitor a situações presente no dia a dia da pessoa com deficiência o aproximando a essa realidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao iniciarmos nossos resultados, como já citado anteriormente, o que se refere, as barreiras de acessibilidades, também serão apresentadas pelas histórias em quadrinhos, a ressaltar que o título apresentado “resultados multidimensionais” faz alusão as histórias em quadrinhos. Para ter acesso basta acessar o Qr code, inserido logo abaixo.



### **Barreira arquitetônica**

Diante do cenário que vivemos atualmente, um pouco precário por sinal, podemos observar situações que carecem de uma reflexão a respeito. Ao tratar sobre inclusão escolar, sabemos que há um paradigma, entre o que é prometido, ao que é oferecido. Para que ocorra a inclusão propriamente dita em sala de aula, se faz necessário uma reorganização no ambiente escolar no que diz respeito ao seu âmbito físico e não físico (CAETANO et. al., 2017; MATOS; MENDES, 2015). Nesse sentido, podemos elencar fatores críticos, como as barreiras de acessibilidade enfrentadas pela pessoa com deficiência, uma dessas e que se faz muito pertinente é a barreira arquitetônica, a complementar a Lei Federal nº10.098, de 19 de dezembro de 2000, retrata as barreiras como “[...] qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento e a circulação com segurança das pessoas” (BRASIL, 2000a, online). Quando analisamos essas barreiras e o que elas causam nos alunos evidencia o quão elas prejudicam o seu desenvolvimento, e isso reflete em diferentes contextos,

pois há o comprometimento durante o seu desenvolvimento como na participação de atividades e na interação com o outro.

Outrossim, entre essas barreiras podemos citar como exemplos a presença de escadas, no qual restringe o deslocamento da pessoa com deficiência e vale salientar que esta é uma das barreiras mais recorrentes como aponta em seus estudos (BELISARIO *et al.*, 2018; CAETANO *et al.*, 2017). Nesse contexto é importante destacar alguns critérios para que a pessoa com deficiência e mobilidade reduzida possa se deslocar com segurança. De acordo com a ABNT (2015) as recomendações são: as portas precisam possuir no mínimo 1,20 de largura; os degraus precisam conter entre 17 e 18 cm; o piso antiderrapante; presença de corrimão para auxílio e melhor deslocamento; contraste nas cores dos degraus e piso tátil, além de sinalização de alerta para início ou fim da escada.

É evidente que muitos espaços escolares não seguem essas normatizações, muitas de nossas escolas se encontram bem distante e a realidade é outra. Nos deparamos com pisos danificados em que muitas vezes estão desgastados ou até mesmo “esburacados”, por falta de manutenção, falta de sinalização adequada a dificultar o trajeto da pessoa com deficiência visual ou com baixa visão, colocando sua segurança em risco.

Fora isso há também a falta de adaptações em banheiros, pois são necessárias algumas especificações como portas mais largas, vaso sanitário e pias com alturas adequadas. Como afirma em seus estudos (CAMPOS, 2015) as escolas precisam de um olhar humanizado e adequado para atender as especificações de cada um, para que todos possam ter acesso a todos os locais, como as salas de aula, quadras, biblioteca e banheiros. Para além disso, precisamos estar cientes de que barreiras de acessibilidade estão presentes em vários ambientes, não são apenas os escolares que carecem mudanças, pois nos deparamos com calçadas sem rampas, banheiros públicos sem adaptações, ausência de barras de seguranças, entre outros.

Como já citado anteriormente a partir dos resultados encontrados essas barreiras arquitetônicas torna o espaço inacessível, um grande empecilho para o convívio social entre os alunos, isso destaca sobre a importância de refletir sobre esses obstáculos com o intuito de contribuir para a redução desses espaços de exclusão. Se faz necessário a construção de um espaço acessível a todos, capaz de oferecer oportunidades igualitárias a todos os usuários (BITTENCOURT *et al.*, 2004).

Para tanto, vale ressaltar que muitos desses problemas estruturais resultam de obras construídas antes da normatização na qual exigiam adaptações arquitetônicas, para então tornar

a escola acessível, existiam um paradigma entre a inclusão e a não necessidade de incluir a pessoa com deficiência em escolas públicas (CORRÊA; MANZINI, 2012). Porém, apesar de leis que asseguram a pessoa com deficiência de seus direitos, essas dificuldades se repetem constantemente, são recorrentes em ambientes diversos como em sala de aula, uma vez que nossas escolas apresentam uma realidade bem distante, a infraestrutura acaba por ser a mais afetada, tornando muitas vezes inviável até mesmo a locomoção de muitos.

### **Super proteção de pais e professores**

Ao falar sobre proteção nos referimos ao cuidado, a atenção, a carinho, voltado para quem amamos, é importante tê-la para prevenção de algo ruim que possa vir acontecer, mas é de extrema importância lembrar que a proteção exagerada pode vir a ser prejudicial aos envolvidos.

Continuando os diálogos sobre as diversas barreiras de inclusão, uma que se faz muito presente na literatura especializada sobre a pessoa com deficiência ter sua capacidade questionada. Em nossa sociedade se instalou crenças onde o foco é voltado apenas para a deficiência e sua “limitação”, deixando de lado as habilidades do sujeito. Ao impedir que a criança explore espaços por medo de que se machuquem acabamos por ser superprotetores, gerando para eles barreiras atitudinais, essas barreiras são de acordo com Lima e Silva (2009 p. 27) “a utilização de rótulos, adjetivações, substantivação da pessoa com deficiência como um todo deficiente”. Por acabarmos nos preocupando apenas com a deficiência, esquecemos do que eles são capazes, isso acaba gerando um pré-conceito classificando-os como incapacitados para a realização de atividades.

Tratando sobre a família, essa superproteção pode causar na criança um bloqueio no que se refere a socialização e autonomia e contribui diretamente para o insucesso nas realizações de algumas atividades, pois faz com que ela se sinta incapaz de concluir determinada tarefa. Como afirma Pereira-Silva e Dessen, (2004, p. 189) “a família é um espaço inicial de socialização, porem eles também discutem sobre a importância de outros contextos, envolvendo outras pessoas, sendo elas imprescindíveis no desenvolvimento e no ensino aprendizagem”.

Resultados da pesquisa de Pintanel *et al.* (2016) afirmam que a restrição vinda do ambiente familiar muitas vezes surge pelo medo do julgamento dos demais envolvidos. Essa superproteção dos pais faz com que os filhos se sintam infantilizados ou até mesmo descredibilizados, e interferem durante a formação da identidade social, dando a entender que esse grupo possui menos potencial quando comparado aos demais.

Além disso, quando a criança é superprotégida, ela traz de casa hábitos e costumes que vai exigir uma atenção maior, e vai interferir diretamente no insucesso de demandas simples que eles seriam capazes de realizar. A complementar Barbieri (2016) a intenção dos familiares é de auxiliar para um melhor desempenho nas atividades, mas em contrapartida a isso, a insegurança dos próprios parentes os faz enxergar como sujeitos frágeis, incapazes de realizar suas ações.

Em sala de aula, a autonomia do aluno, se refere ao fato de o mesmo poder realizar uma determinada tarefa de forma independente, mas contrário a isso, são recorrentes cenas em que a não participação do aluno em determinadas atividades seja devido a superproteção dos professores. Nesse sentido é comum relatos em que muitos profissionais pela falta de experiência ou até mesmo conhecimento se sintam inseguros, e se prendem a “gravidade da deficiência”, por medo de que o aluno possa vir se machucar.

Já em outras situações não é oferecido para o aluno a mesma oportunidade durante as atividades, muitas vezes o próprio professor faz a tarefa em seu lugar, evidenciando que aquele aluno não é capaz de realizar a atividade proposta, não dando a ele a mesma oportunidade que os demais possuem. Segundo Dutra, Silva e Rocha (2006) é necessário que sejam oferecidas as mesmas oportunidades para todos. Nesse sentido o professor precisa ter consciência de que é na escola que o sujeito passa a maior parte do seu tempo, e a inclusão precisa ser trabalhada em sala de aula, ele como o principal interessor, precisa buscar estratégias promovendo adaptações nas aulas, nos conteúdos, em materiais.

Em concordância com Alves e Duarte (2014) a falta de adaptações nas aulas pode vir a contribuir para que os alunos com deficiência encontrem dificuldades no processo de aprendizagem e em consequência a isso não tenham interesse ou até mesmo não se sintam seguros em participar das aulas. Nessas situações devem ser propostas atividades no qual esses alunos possam desempenhar funções iguais aos demais, que o faça se sentir um sujeito ativo, apto a contribuir e interagir com os colegas.

### **Respeito**

Ainda sobre as barreiras de inclusão, um ponto crítico e fundamental, refere-se as relações entre os alunos, em como o respeito é trabalhado diante de algumas situações. Está associado com a participação nas aulas, ao realizar uma determinada tarefa ele se sente parte do grupo, em consequência a isso durante essas atividades é possível interações e criações de laços, vínculos afetivos entre os grupos. Alves e Duarte (2014) afirma em seus estudos que o



espaço das aulas de Educação Física facilita essa interação social, sendo fundamental nesse processo de inclusão.

A oportunidade em participar das atividades proporcionadas em aula é de extrema relevância, pois faz com que esses alunos despertem o interesse e acatem as sugestões dos professores, o fazendo se sentir como membro importante e de valor diante dos outros, além de facilitar os demais colegas que estão abertos a inclusão.

De acordo com estudos encontrados, a concepção de inclusão para os alunos com deficiência diz respeito a como ele se sente diante dos objetivos e desafios que lhe são propostos, associados a dois fatores, são eles: a participação e a interação social (GOODWIN e WATKINSON, 2000; HUTZLER et al, 2002; PIVIK; MCCOMAS; LAFLAME, 2002). No que se refere a participação é o fato dele dividir com os colegas objetivos comuns, podendo ser desde a execução de uma nova habilidade até vencer um jogo. Já com relação a interação é quando o aluno tenha voz ativa, se sinta valorizado, que ele possa se desenvolver em discussões, sem atitudes discriminatórias ou preconceituosas por parte dos colegas.

Essas compreensões de se sentir-se incluídos partem de experiências subjetivas e individuais, associadas a sentimentos, crenças e percepções (SPENCER-CAVALIERE; WATKINSON, 2010). Muitos relatam que não se sentem inclusos pela não aceitação por parte dos colegas, podendo ocasionar o isolamento social geradas por atitudes de bullying (ALVES; DUARTE, 2012; ALVES; DUARTE, 2009; BATISTA; ENUMO, 2004; GOODWIN E WATKINSON, 2000; HUTZLER et al, 2002; PLACE; HODGE, 2001). Isso ocorre em situações em que o aluno não se sente parte do grupo durante a realizações das atividades, se sentem inferiores ou até mesmo alvo de curiosidade e piadas advindas por parte dos colegas, levando esses alunos com deficiência a se excluírem das aulas.

Estudos realizados por Place e Hodge (2001) revelam que as interações entre colegas de classe acontecem de maneira reduzida, muitas dessas relações são marcadas por comportamentos de rejeição ou ate mesmo negligencia, há uma distância espacial entre as partes. Para sentir-se incluídos as relações sociais carecem de suporte e aceitação social, permitindo a sensação de pertencimento (GOODWIN; WATKINSON, 2000; HUTZLER et al, 2002).

Como já citado anteriormente nessa pesquisa, a falta de adaptações é um fator determinante que leva a exclusão do aluno com deficiência, correspondem tanto a falta de ofertadas de atividades adequadas como a de materiais, além de espaço físico. Esses fatores se



interligam e se tornam barreiras de acessibilidade que precisam ser vistas e minimizadas por todos, isso inclui os profissionais das escolas em conjunto com toda a sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo nos permitiu ampliar os conhecimentos, se tornando relevante pois através das pesquisas podemos compreender como se dá inclusão da pessoa com deficiência nas aulas de educação física. A partir das nossas pesquisas foram observados pontos importantes e que devem ser levados em consideração. A priori podemos observar que mesmo sendo uma pauta discutida diariamente por todos, ainda nos deparamos com diversas barreiras que dificultam esse processo da inclusão.

Diante do exposto e dos objetivos traçados quando nos aprofundamos sobre as barreiras de acessibilidade que a pessoa com deficiência encontra, os estudos apontaram que as barreiras arquitetônicas são mais citadas, isso por haver empecilhos em diversos ambientes, a falta de adaptação na infraestrutura é a principal queixa. Para além disso, sabemos que as barreiras arquitetônicas são recorrentes em ambientes diversos e que há um grande fluxo de pessoas. Nesse sentido algumas situações em que há a presença desses empecilhos que dificultam a realização de determinada tarefa, podem facilmente serem solucionados com uma simples ação, basta tomar uma iniciativa e contribuir da maneira que o outro precisar, porém o que ocorre é o oposto. Infelizmente as discussões sobre a inclusão ainda permanecem apenas no papel, na prática a realidade é outra.

Além disso, como é frequente a super proteção diante da pessoa com deficiência, a começar pelo ambiente familiar e se propagar na escola com os professores se tornaram outra barreira recorrente, o medo pregado por eles faz com que o foco seja voltado apenas para deficiência, deixando de lado as habilidades e potencialidades que o sujeito tem a oferecer. Foi pregado desde de cedo que essas pessoas precisam de um cuidado excessivo, como se eles fossem vulneráveis ao ponto de não obter sucesso sozinho, estando sempre dependente do outro, isso os faz sentir-se vulneráveis, infantilizados, e nossas atitudes precisam ser repensadas e mudadas. Por fim, outra barreira encontrada é sobre o respeito, muitas vezes não percebemos que nossas atitudes perante ao outro contribui para não se sintam pertencente ao um determinado grupo, precisamos rever nossas atitudes, ações simples podem fazer uma grande diferença nesse contexto.



Por fim, acreditamos que nosso estudo possa servir como base para outros futuros, foi de grande valia pesquisar sobre um tema tão relevante, e que ainda há muito o que ser feito, com isso não pretendemos encerrar por aqui.

## REFERÊNCIAS

- ABNT. **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. NBR 9050/2015: critérios e parâmetros técnicos a serem observados quando do projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade. 2ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.
- ALVES, M. L. T. Aulas de Educação Física: **Uma Análise do Processo Inclusivo**. 2009. 44f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 2009.
- ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A participação de alunos com síndrome de Down nas aulas de Educação Física Escolar: Um estudo de caso. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 237-256, jul/set de 2012.
- ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A percepção dos alunos com deficiência sobre a inclusão nas aulas de educação física escolar: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.28, n.2, p.329-338, 2014.
- Bardin L. **Análise de conteúdo**. 4a ed. Lisboa: Edições 70; 2010.
- Barbieri, J. C. (2017). **Gestão ambiental empresarial**. Saraiva Educação SA.
- BATISTA, M. W.; ENUMO, S.R.F.; Inclusão Escolar e Deficiência Mental: Análise da Interação Social entre Companheiros. **Estudos de Psicologia**, v. 9(1), 101-111, 2004.
- BITTENCOURT, L. S. *et al.*. Acessibilidade e Cidadania: barreiras arquitetônicas e exclusão social dos portadores de deficiência física. **ANAIS DO 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**, 2, Belo Horizonte, 2004. Anais... Belo Horizonte, 2004. Disponível em: . Acesso em: 13 ago. 2022.
- CARVALHO, R. E. **Temas em Educação Especial** Rio de Janeiro: WVA, 1998.
- Caetano, Á., Costalonga, C. V., Ferreira, P. J., Salvador, J., & Frizzera, A. C. S. (2017). Acessibilidade em ambiente escolar: identificação de barreiras arquitetônicas no Campus Piúma do Instituto Federal do Espírito Santo. **REVISTA EIXO**, 6(3), 26-31.
- Campos, R. A. D. (2015). **Acessibilidade espacial na arquitetura escolar**: avaliação pós-ocupação do Projeto Padrão 12 Salas FNDE.
- Correia-Silva, A. T., da Silva Paiva, F., & Ribeiro, E. N. (2020). Inclusão educacional e audiodescrição de histórias em quadrinhos. **REVISTA INTERSABERES**, 15(36), 936-962.
- Darido, S. C. (2007). **Para ensinar educação física**. Papirus Editora.
- Diesel, V., & da Silveira, P. R. C. **A FORMAÇÃO DE TECNÓLOGOS COMO AGENTES DA GOVERNANÇA SOCIOAMBIENTAL**: uma experiência crítico-colaborativa via web.
- DUTRA, R. S.; SILVA, S. S. M.; ROCHA, R. C. S. A educação inclusiva como projeto da escola: O lugar da educação física. **Revista Adapta**, ano 2, n. 1, p. 7-12. Rio Claro: UNESP, 2006.



- Gil, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA.
- GOODWIN, D. L.; WATKINSON, E. J. Inclusive Physical Education from the Perspective of Students with Physical Disabilities. **Adapted Physical Activity Quartely**, v. 17, 144-163, 2000.
- HUTZLER, Y.; FLIESS, O.; CHACHAM, A.; AUWEELE, Y. Perspectives of Children with Disabilities on Inclusion and Empowerment: Supporting and Limiting factors. **Adapted Physical Activity Quartely**, v. 19, 300-317, 2002.
- OLIVEIRA, A. A. S.; POKER, R. B. Educação inclusiva e municipalização: a experiência em educação especial de Paraguaçu Paulista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 8, n. 2, p. 233-244, 2002.
- LIMA, F. J. de; SILVA, F. T. dos S. Barreiras Atitudinais: **Obstáculos à Pessoa com Deficiência na Escola**. In: SOUZA, O. S. H. (Org.). Itinerários da inclusão escolar:
- MARTINS, Pura Lucia Oliver. **Didática**. Curitiba: IBPEX, 2008.
- MATOS, S. N., & MENDES, E. G. (2015). Demandas de professores decorrentes da inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 21, 9-22
- Place, K., & Hodge, SR (2001). Inclusão social de alunos com deficiência física na educação física geral: uma análise comportamental. **Atividade física adaptada trimestralmente**, 18 (4), 389-404.
- Pintanel, A. C., Gomes, G. C., Xavier, D. M., Cezar-Vaz, M. R., & Silva, M. R. S. (2016). Influência ambiental para a (in) dependência da criança cega: Perspectiva da família. **Aquichan**, 16(1), 94-103. doi: 10.5294/aqui.2016.16.1.10
- PIVIK, J.; MCCOMAS, J.; LAFLAME, M. Barriers and Facilitators to Inclusive Education. **Exceptional Children, Virginia**, v. 69, n.1, p.97-107, 2002.
- Pope, C., & Mays, N. (2009). **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. Artmed Editora.
- Ramos, P. E. (2010). **A leitura dos quadrinhos**. Editora Contexto.
- SILVA, D. V. da. Contribuições do campo psicomotor para os processos de inclusão na educação. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2009. p. 10447-1458.
- SPENCER-CAVALIERE, Nancy; WATKINSON, E. Jane. Inclusion understood from the Perspectives of Children With Disability. **Adapted Physical Activity Quartely**, Illinois, v. 27, p. 275-293, 2010.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1999.